

Entre nós

Quando nasceu, no Rio de Janeiro a 24 de Agosto de 1947, de parto difícil, os médicos não acreditavam que sobrevivesse. E nunca imaginaram que tantos anos depois o miúdo franzino se tornasse num escritor consagrado internacionalmente. Paulo Coelho já vendeu milhões de exemplares em 119 países! Aliás, depois de John Grisham é o escritor vivo que mais vende. E foi recebido pelo Papa, ganhou alguns dos prémios mais prestigiantes do mundo. Mas este sucesso não chegou de um dia para o outro.

Embora o seu fascínio pela busca espiritual date dos seus tempos de andarilho hippie, foi também director e autor de teatro, jornalista, compositor, até escreveu letras de música para Raul Seixas, Elis Regina, Rita Lee e outras estrelas da música brasileira. Só depois de começar a escrever romances a partir dessas tais experiências místicas é que a fama lhe bateu à porta. Paulo Coelho veio a Portugal lançar o seu último trabalho: *Veronika Decide Morrer* (Pergaminho, \$). Quis o destino que assim encontrássemos mais uma razão para lhe falar de rebeldia, amor, sexo, magia, espiritualidade, dinheiro, samba, futebol, entre muitas outras questões.

Já em criança foi um rebelde? De que forma é que essa “mania da diferença” se manifestava?

Fui rebelde como toda criança deve ser. É o nosso primeiro contacto com o mundo. Se não lutamos por nosso espaço, por nossa individualidade, terminamos nos acovardando mais tarde, quando esta individualidade for necessária.

Como é que a sua família reagia?

Durante a infância, a rebeldia era tratada como normal. À medida que me tornei adolescente, comecei a querer ser “artista” e os meus pais ficaram preocupadíssimos. Depois de tentarem ameaças e recompensas, viram que não conseguiam controlar o filho, e – num gesto de amor desesperado – internaram-me num sanatório mental. Para a nossa relação foi um momento difícil, superado pelo tempo e pela compreensão mútua. Daí, tirei o tema central do meu novo livro, *Veronika Decide Morrer*.

Nos anos 60 trocou o curso de Direito pela onda hippie. Nas suas deambulações pelo mundo andava em busca de quê?

Em busca de viver, entender o mundo, saber como responder à famosa pergunta que todos colocamos: “O que faço aqui?” Hoje compreendo que esta pergunta é vedada ao homem. Jamais saberemos o que estamos fazendo aqui, mas sabemos que há uma razão para estarmos vivos. Viver é um acto de fé. Deus tem um plano e o melhor que podemos fazer é usar cada minuto de nossa existência na busca da Lenda Pessoal, vivendo com entusiasmo.

O Paulo viveu em comunidade, tomou drogas, conheceu a onda do amor livre, assumiu algumas experiências gay. Como é que recorda esses tempos?

Não foram exactamente experiências gay. Como todo o adolescente, tinha curiosidade sobre minha sexualidade, e quis saber como era. Não gostei, e tampouco fiquei com a dúvida. Quanto ao resto, era parte da cultura hippie. Algumas experiências foram muito perigosas, outras nem tanto.

Só publicou o seu primeiro romance, *O Diário De Um Mago*, por volta dos 38 anos? Porquê?

Até essa idade fiz um pouco de tudo ligado à escrita: letras de canções, jornalismo, roteiros de televisão. Na verdade, estava adiando enfrentar o meu sonho, porque tinha medo da derrota. O meu sonho era ser escritor, mas eu pensava que isso era impossível. Até que chegou o dia em que compreendi que, viável ou não, eu precisava de me arriscar a vivê-lo.

Quando é que tomou essa decisão?

Depois de ter feito a peregrinação a Santiago de Compostela, em 1986. Foi quando entendi que a sabedoria residia no coração das pessoas comuns e era apenas uma questão de estar atento ao que se passa a nossa volta.

De início, esse livro foi mal recebido pela crítica, pelas editoras e quase não se vendia. Como é que a sua auto-estima resistiu?

Quando você luta por um sonho, está disposto a morrer por ele. Se não for assim, não é o seu verdadeiro sonho.

Nos seus romances a busca espiritual é uma constante. O que deseja transmitir aos seus leitores?

Na verdade, escrevo para me compreender a mim mesmo. Os leitores são os companheiros de viagem e compartilhamos as nossas visões e as nossas dúvidas.

As pessoas gostam de ler os seus livros, porque você faz com que elas sintam que as suas vidas têm um sentido maior. Concorda?

Não. Elas são importantes, com ou sem os meus livros. E suas vidas têm sentido, independentemente da forma como a compreendam.

Sente que os assuntos que aborda estão envolvidos em preconceito? As pessoas temem a magia, têm vergonha de dizer que acreditam em Deus.

É natural. Mas esta é a vanguarda do pensamento – e toda vanguarda tem que, num certo momento, enfrentar-se com o preconceito.

Que papel tem o sexo nesta busca espiritual? A humanidade dá-lhe a devida importância?

Claro que dá importância, mas infelizmente no sentido oposto. O pseudo - moralismo norte-americano impõe-se cada vez mais, como se estivéssemos voltando à época vitoriana. Espero que a Europa seja capaz de se contrapor a isso.

Qualquer pessoa pode iniciar essa busca espiritual de que tanto fala? Quer dar alguns conselhos?

Só há um conselho: tenha coragem. De resto, cada um tem seu caminho e precisa correr os seus riscos. Somos companheiros, navegadores num mar desconhecido e tudo o que conta é a nossa própria experiência.

A Warner Brothers sempre vai fazer um filme do seu livro *O Alquimista*? Existem outros projectos do género?

Vários, mas procuro ignorar essas questões. A minha agente sabe mais dessas coisas. Eu sou um escritor, o meu prazer está nas palavras, nos livros.

Em que é que investe a fortuna ganha?

A nível de dinheiro, da maneira mais conservadora possível, porque não quero ficar acompanhando investimentos. No que se refere à verdadeira fortuna que o sucesso internacional dá – a capacidade de me encontrar com pessoas, de jamais me sentir estrangeiro, não importa onde esteja – esta eu uso no limite máximo.

As pessoas admiram-se por continuar a levar uma vida simples em Copacabana. Você é o típico carioca? Gosta de samba, praia e carnaval?

Gosto de Copacabana porque é uma cidade, não é uma imitação. Mas detesto samba, só vou à praia para andar e acho carnaval uma bobagem – é como obrigar todo mundo a ficar contente por quatro dias.

Você que foi tão rebelde não acha que está hoje muito adaptado às regras sociais? O sucesso não lhe roubou a liberdade?

Ao contrário! O sucesso deu-me mais liberdade, permitiu-me ir a lugares, trilhar caminhos e conhecer pessoas que, noutras circunstâncias, não teria possibilidade.

O fim do milénio assusta-o?

Os problemas que terei a 31 de Dezembro de 1999 serão os mesmos de 1 de Janeiro de 2000. Por que iria assustar-me?

Como é que imagina o seu futuro?

Um guerreiro da luz não imagina seu futuro nem fica pensando no passado. Eu vivo o meu presente.

Quais são os seus medos?

Falar em público.

E os seus sonhos?

Uma pergunta muito particular, que não quero responder.

Você escreve muito depressa. Como é o seu processo de criação? Toma notas, pesquisa e depois isola-se do mundo durante uns tempos?

Sigo um processo absolutamente feminino, como todo processo de criação. Faço amor com a vida e, um dia, tenho um filho. Mas não fico pensando, tomando notas – assim como uma mãe não fica pensando “vou colocar duas orelhas, um nariz, etc...”

Tendo uma vida tão ocupada, como é que arranja tempo para estar com família, amigos? Como é que se diverte?

Não é exactamente assim. Viajo muito, mas quando estou no Brasil, estou com a família e os amigos. Trabalho como qualquer outro ser humano e me sentiria envergonhado se não trabalhasse. Me divirto com a Internet, o fliperama (pinball ou flipers, se preferir), caminhando, conversando.

Você é casado há 19 anos com Christina. Nos dias de hoje é raro um casamento durar tanto! Qual o segredo?

Respeito pela liberdade do outro.

Você mantém uma relação bastante especial com a sua primeira leitora. Conte-nos a história de Maria Inês Pinto.

Foi a primeira pessoa a pedir-me um autógrafo. Todos os anos, no dia de São José, meu padroeiro, dou uma festa aqui em casa para os meus amigos. Como não posso convidar todos os leitores, convido Maria Inês, que os representa.

Alguma mensagem para as suas fãs portuguesas?

Portugal é que me deu a grande mensagem: “*navegar é preciso, viver não é preciso*”.